

CRITÉRIOS E COMPONENTES DE UMA TEORIA FILOSÓFICA, SEGUNDO MANFREDO OLIVEIRA

Felipe Bezerra de Castro Oliveira*

Resumo: Este artigo tematiza a teoria filosófica proposta pelo filósofo Manfredo Oliveira, cujo cerne é a reviravolta linguística e a concepção punteliana de quadro teórico. Trata-se, aqui, de uma filosofia que reconhece a tese da mediação linguística no campo de nossos conhecimentos sobre os objetos do mundo, bem como os critérios e componentes de um quadro teórico preocupado em articular uma compreensão teórico-estrutural da realidade. Partindo dessa perspectiva, defendemos que, se uma filosofia dispõe dos critérios e componentes constituintes de um quadro teórico, então ela pode nos fornecer a instância através do qual articulamos nosso conhecimento sobre os objetos do mundo.

Palavras-Chave: Filosofia. Reviravolta linguística. Quadro teórico. Conhecimento.

CRITERIA AND COMPONENTS OF A PHILOSOPHICAL THEORY, ACCORDING MANFREDO OLIVEIRA

Abstract: This paper is about the philosophical theory proposed by the philosopher Manfredo Oliveira, which core is the linguistic turn and the puntelian conception of theoretical framework. Therefore, this article is with regard to a philosophy that recognize the thesis of linguistic mediation on the sphere of our knowledge about the objects of the world, as well the criteria and components of a theoretical framework concerned with articulating a theoretical-structural understanding of reality. From this perspective, we defend that, if a philosophy have the criteria and the components of a theoretical framework, then it can provide us with the instance through which we articulate our knowledge about the objects of the world.

Keywords: Philosophy. Linguistic turn. Theoretical framework. Knowledge.

1 INTRODUÇÃO.

*Nenhum homem pode fazer companhia aos
grandes filósofos sem sofrer modificações
de ideias e dilatar suas vistas sobre
inúmeros pontos vitais.*

Will Durant.

* Mestrando em filosofia pela Universidade Federal do Ceará, com linha de pesquisa em Ética e Filosofia Política. E-mail: felipe.bezerra3000@bol.com.br.

O presente artigo tematiza a teoria filosófica apresentada pelo filósofo brasileiro Manoel Araújo de Oliveira, com o objetivo de examinar a sua proposta de compreensão teórico-estrutural da realidade. Trata-se, aqui, de uma proposta de articulação filosófica comprometida com a reviravolta linguística (*linguistic turn*) da filosofia contemporânea e com a concepção de quadro teórico desenvolvida por Lorenz B. Puntel. Tal análise deve nos conduzir à seguinte tese: se uma filosofia dispõe dos critérios e componentes constituintes de um quadro teórico, então ela pode nos fornecer a instância através do qual articulamos nosso conhecimento sobre os objetos do mundo¹⁷⁷. Assim sendo, esboçaremos, abaixo, os caminhos que seguiremos para sustentar o nosso posicionamento em relação à filosofia de M. Oliveira.

Num primeiro momento, estudaremos a tese da centralidade da linguagem defendida por Manoel Oliveira em *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea* (1996), para assim entendermos como uma teoria filosófica articula sua compreensão dos objetos do mundo pela mediação linguística¹⁷⁸. Num segundo momento, nos auxiliaremos na concepção punteliana de quadro teórico apresentada por M. Oliveira em *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo* (2014), com objetivo de fazer um levantamento dos critérios (expressabilidade, teoricidade e estruturalidade) e componentes (lógica, semântica e ontologia) essenciais para a articulação de uma teoria filosófica comprometida com a reviravolta linguística. Esses dois momentos do artigo nos conduzirão à noção de que a verdade é capaz de se aprimorar à medida que pertença a um quadro teórico bem constituído, o que significa levar em consideração os aspectos da historicidade no conhecimento. Já na conclusão, delinearemos algumas reflexões sobre as consequências da aceitação dos critérios e componentes da teoria filosófica proposta por Manoel na contemporaneidade, tendo como eixo a ideia de que um quadro teórico bem constituído é aquele que leva em

177 Nesse artigo, a concepção de mundo será tratada como totalidade de um campo ou mais de investigação. Para Mário Ferreira dos Santos, a filosofia “tem um universo do discurso num sentido mais amplo que o da lógica, pois ela se interessa pelo todo, estuda tudo, e o seu universo de discurso abrange o conjunto de todas as ideias”. Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. *Filosofia e cosmovisão*. 6. ed. São Paulo: Editora Logos Ltda., 1961. p. 20.

178 Sobre a característica da mediação na articulação do conhecimento, Manoel Oliveira escreve: “Quando falamos sobre a situação fundamental do ser humano, o conhecimento se manifestou, essencialmente, como uma relação entre homem e mundo, uma das formas de encontro entre o homem e o real, ou seja, noutras palavras, o conhecimento se manifestou como mediação entre homem e realidade. A partir desta relação fundamental distinguimos seus momentos: o cognoscente (o homem sujeito) e o conhecido (a realidade, o objeto)”. Cf. OLIVEIRA, Manoel Araújo de. Conhecimento e historicidade. In: *Síntese*, Belo Horizonte, v. 14, n. 40, p. 33-58, Fevereiro. 1987. p. 38-39.

consideração o *continuum* histórico das realizações científicas e culturais da humanidade.

2 REVIRAVOLTA LINGÜÍSTICA: UMA NOVA PROPOSTA DE ARTICULAÇÃO FILOSÓFICA.

Em *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*, Manoel de Oliveira tematiza a centralidade da linguagem na filosofia contemporânea. O foco entre filosofia e linguagem serve como ponto de partida para M. Oliveira articular a tese da linguagem como elemento mediador do conhecimento válido sobre os objetos do mundo. Trata-se, aqui, de um posicionamento comprometido com a reviravolta linguística ocorrida no século XX. Assim sendo, Oliveira defende o novo paradigma filosófico surgido na contemporaneidade, o que põe a linguagem como o primeiro pressuposto de uma teoria filosófica¹⁷⁹. Nas palavras do filósofo cearense:

A reviravolta linguística do pensamento filosófico do século XX se centraliza, então, na tese fundamental de que é impossível filosofar sobre algo sem filosofar sobre a linguagem, uma vez que esta é momento necessário constitutivo de todo e qualquer saber humano, de tal modo que a formulação de conhecimentos intersubjetivamente válidos exige reflexão sobre sua infra-estrutura linguística (OLIVEIRA, 1996, p. 13).

Dentre as filosofias que saíram da reviravolta linguística, destacamos a filosofia analítica e a filosofia hermenêutica, bem como a reformulação linguística articulada pela filosofia transcendental¹⁸⁰. O que há em comum entre todas essas correntes filosóficas é a tese de que o campo de articulação de nossos conhecimentos sobre a realidade é mediado pela linguagem, superando assim a mediação consciencial surgida

179 Para Paulo Ghiraldelli Júnior, os filósofos alemães Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Gottlob Frege (1848-1925) são os pontos iniciais da transição entre o moderno e o contemporâneo em filosofia: “Ambos, Nietzsche e Frege, lidaram com problemas das relações entre a linguagem e o mundo, o que no tempo deles ainda era visto como a questão da relação entre o pensamento e o mundo. O primeiro tratou dessas questões envolvendo uma filosofia da história – uma marca inescapável do que ocorreu com todo o desdobrar da filosofia do século XIX no âmbito continental. Frege foi direto para uma teoria do significado, o que caracterizou as investigações da filosofia analítica no mesmo século”. Cf. GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *O que é filosofia contemporânea*. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 9-10.

180 Cf. OLIVEIRA, Manoel de. *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 188.

da filosofia moderna¹⁸¹. Por conseguinte, a linguagem é a instância de expressabilidade do mundo, motivo pelo qual ela se tornou central na filosofia contemporânea. Para Oliveira, a substituição do “paradigma da consciência” pelo “paradigma da linguagem” trouxe fortes consequências para a filosofia:

O que constitui em última análise a reviravolta linguística é a compreensão de que a linguagem não se reduz a um instrumento de comunicação, mas constitui a mediação fundamental de nosso acesso ao mundo. Dessa forma, a linguagem não é simplesmente um objeto empiricamente dado a ser analisado como qualquer outro objeto, mas a esfera em que todos os objetos nos são dados, ou seja, ela é condição de possibilidade e validade da compreensão e da autocompreensão e com isso do pensamento conceitual, do conhecimento de objetos e da ação sensata (OLIVEIRA, 2014, p. 217).

Em linhas gerais, a tese da centralidade da linguagem defende que a consciência é articulada linguisticamente¹⁸² e que o mundo pode ser exprimível pela linguagem¹⁸³. Nesse contexto, a pergunta pelas condições de possibilidade do conhecimento válido se transforma “na pergunta pela condição de possibilidade de sentenças intersubjetivamente válidas a respeito do mundo” (OLIVEIRA, 1996, p. 13). Com vista a essa questão, Oliveira identifica, na proposta de filosofia sistemático-estrutural elaborada por Lorenz B. Puntel, um projeto preocupado em estabelecer os elementos constituintes de uma teoria filosófica, de modo que a linguagem seja a instância em que articulamos o conhecimento válido sobre a realidade.

181 A respeito da mediação consciencial do processo pelo qual o homem conhece os fenômenos do mundo, M. Oliveira escreve: “E nisto consiste, precisamente, a reviravolta copernicana da filosofia, ou seja, que o mundo só é articulável como mundo, ou seja, que o mundo só chega a si mesmo através da mediação da subjetividade. O *eu penso*, não o eu empírico, mutável, histórico, sujeito ao mundo, mas o eu transcendental, a consciência enquanto tal, se manifesta na filosofia de Kant – e isso é típico para todo o pensamento transcendental – como mediação universal e necessária para o desvelamento do real”. Cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A filosofia na crise da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1995. p. 17-18.

182 Sobre a consciência ser articulada linguisticamente, Oliveira escreve: “A reviravolta linguística afirma, como sua tese central, precisamente, que nosso pensamento é linguisticamente articulado, tese que na tradição hermenêutica encontrou uma primeira formulação na afirmação de Schleiermacher de que a linguagem é o modo do pensamento se tornar efetivo, uma vez que não há pensamento sem discurso, e que ninguém pode pensar sem palavras” (OLIVEIRA, 2014. p. 195).

183 Nessa perspectiva, a reviravolta linguística pressupõe a inteligibilidade do mundo. De acordo com Oliveira: “Realidade, mundo, universo, só tem sentido no interior de um esquema conceitual por nós articulado. Nós distinguimos os objetos através da introdução deste ou daquele esquema conceitual. Nós já sempre estamos em relação com o mundo pela atividade conceitual, de modo que, fora dessa relação a um esquema conceitual, o mundo é simplesmente ininteligível. Falar de independência do mundo não significa falar que ele se situe fora da esfera conceitual” (OLIVEIRA, 2014, p. 194-195).

Cabe, então, a seguinte pergunta: como articular uma teoria filosófica? Ora, se com a reviravolta linguística a linguagem passa a ser o pressuposto de uma teoria filosófica, a filosofia só pode ser articulada linguisticamente. Daí perguntarmos pelos critérios e componentes de uma teoria filosófica comprometida com o novo modo de compreensão teórico-estrutural da realidade anunciado pela reviravolta linguística.

3 CRITÉRIOS E COMPONENTES DE UMA TEORIA FILOSÓFICA.

O exame dos critérios e componentes de uma teoria filosófica situada na reviravolta linguística se faz imprescindível para quem busca entender a nova proposta de articulação filosófica defendida por Manoel de Oliveira. Antes de discorrermos sobre os elementos constituintes desta filosofia, devemos delimitar primeiramente o que M. Oliveira entende por “teoria”. Em *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo*, o filósofo cearense descreve e defende a concepção de Lorenz B. Puntel:

Filosofia é entendida, aqui, portanto, estritamente enquanto teoria, de forma que, antes de tudo, é necessário esclarecer a dimensão teórica em geral e a concepção de uma teoria filosófica em particular. Teoria é aquela forma de discurso metódico e rigorosamente ordenado, que se constitui estritamente de sentenças declarativas (OLIVEIRA, 2014, p. 7).

Seguindo essa concepção, podemos afirmar que, enquanto teoria, a filosofia permanece com a sua pretensão originária de desenvolver uma cosmovisão¹⁸⁴. Ora, se M. Oliveira sustenta que o mundo é exprimível linguisticamente, a linguagem é “o espaço de expressividade do mundo, a instância de articulação de sua inteligibilidade” (OLIVEIRA, 1996, p. 13). Sublinhamos, portanto, o primeiro critério de uma teoria filosófica: *expressabilidade*, *i.e.*, a pressuposição – feita por todo e qualquer

184 Na definição de Mário Ferreira dos Santos: “O que é a “Visão Geral do Mundo” (Cosmovisão), que ora iniciamos, pode ser exposto, em linhas gerais, da seguinte forma: da soma geral dos conhecimentos, os filósofos organizaram, sistematicamente ou não, uma perspectiva geral do mundo, uma espécie de panorama geral de todo o conhecimento, formando uma totalidade de visão, uma coordenação de opiniões entrelaçadas entre si. Com essa sistematização lhes é possível formular, não só uma opinião geral de todo o acontecer, mas também compreender e relacionar um fato individual com a visão geral formada do todo” (SANTOS, 1961, p. 115).

empreendimento teórico – de que o objeto investigado pela teoria é expressável pela linguagem. Para Oliveira,

A expressabilidade é, então, concebida como uma determinação imanente e fundamental do mundo e a instância por ela implicada enquanto instância expressante é justamente a linguagem que enquanto instância da expressabilidade universal deve ser uma linguagem universal entendida enquanto um sistema semiótico composto de uma quantidade infinita não enumerável de expressões (OLIVEIRA, 2010, p. 94).

Posto isso, segue-se que a sentença declarativa se faz imprescindível na articulação de uma teoria filosófica, tendo ela como sua primeira característica a dimensão expositiva, ou seja, ela é fundamentalmente a expressão da inteligibilidade do real. Nesse sentido, o discurso filosófico deve se configurar por meio de sentenças declarativas, de modo a elaborar um discurso metódico e ordenado a respeito daquilo que se pretende conhecer. Sublinhamos, portanto, o segundo critério: *teoricidade*, isto é, aquilo que faz do discurso filosófico um empreendimento teórico e rigoroso¹⁸⁵. Antes de percorrermos para o terceiro critério, faz-se necessário examinar a concepção punteliana de “quadro teórico”, segundo o ponto de vista manfrediano:

Toda teoria só é compreensível e avaliável no contexto de um “quadro teórico”, que constitui o espaço de compreensão de qualquer coisa; do contrário, tudo permanece vago e indeterminado. A cada quadro teórico pertencem, enquanto momentos constitutivos: uma linguagem, com sua sintaxe e semântica; uma ontologia; uma teoria do Ser; uma lógica; e uma conceitualidade, com todos os componentes que constituem o aparato teórico (OLIVEIRA, 2014, p. 7-8).

Para Oliveira, a linguagem dispõe de três dimensões fundamentais: 1) lógica 2) semântica e 3) ontologia. Assim sendo, sublinhamos o terceiro critério de uma teoria filosófica, a saber, *estruturalidade*¹⁸⁶: enquanto a lógica possui uma estrutura formal, a

185 A respeito da dimensão da teoricidade, Oliveira ainda escreve: “Numa perspectiva geral, teoricidade é aquela dimensão em que teorias são desenvolvidas, ou seja, ela é a forma de discurso metódico e rigorosamente ordenado que é configurado através de sentenças puramente declarativas, ou seja, sentenças da forma: “é o caso que assim e assim”. Cf. OLIVEIRA, Manfredo de. Metafísica estrutural enquanto Teoria do Ser. In: *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p.82-107, Novembro. 2010 p. 93.

186 No entender de Lorenz B. Puntel: “O conceito de estrutura é em primeiro lugar um conceito estritamente matemático entendido como uma coleção composta de elementos (objetos, entidades de qualquer espécie) e relações que será aos poucos mais determinado na direção de uma investigação propriamente filosófica” (OLIVEIRA, 2010, p. 94).

semântica e a ontologia possuem uma estrutura conteudística¹⁸⁷. Daí o *ser* – aquilo que é (verdadeiro) – encontrar-se tanto na dimensão da linguagem quanto da conceitualidade¹⁸⁸. Partindo do pressuposto de que existe uma relação intrínseca entre a realidade e a linguagem, podemos considerar válida a existência de uma conformidade fundamental entre as estruturas da linguagem e as estruturas da realidade. No artigo *Metafísica estrutural enquanto Teoria do Ser* (2010), M. Oliveira formula essa noção nos seguintes termos:

A linguagem é, assim, entendida como a instância universal em que se movem os seres humanos enquanto teóricos. A filosofia enquanto exposição do mundo tem a ver essencialmente com articulação: é difícil conceber uma filosofia só no pensamento, só na intuição. Ela se articula precisamente na esfera da linguagem, daqui uma tese básica: se a esfera de articulação da “coisa” da filosofia é a linguagem, então na estruturalidade da linguagem se pode ler a própria estruturalidade da coisa (OLIVEIRA, 2010, p. 94).

Na proposta filosófica de Manfredo Oliveira, as estruturas formais (lógica) e conteudísticas (semântica, ontologia) são os componentes que permitem articular linguisticamente um conhecimento válido sobre os objetos do mundo. Enquanto a lógica se ocupa com a retidão do pensamento¹⁸⁹, a semântica e a ontologia se centra no conteúdo (material ou filosófico) daquilo que se pretende conhecer¹⁹⁰. Nessa perspectiva, a dimensão do *universo do discurso* é o *dado* abrangente, o que significa dizer que aquilo que é dado está passível de ser compreendido e explicado pela filosofia. Por conseguinte, se um objeto que o filósofo escolha tratar pertence a um

187 Daí o axioma “semântica e ontologia são dois lados de uma mesma medalha” (OLIVEIRA, 2014, p. 8).

188 Para Lorenz B. Puntel, “linguagem e conceitualidade não se situam fora da dimensão do ser” (PUNTEL apud. OLIVEIRA, 2010, p. 98-99).

189 A respeito da lógica, M. Oliveira escreve: “Ela estabelece o cânon para o julgamento da retidão formal do nosso pensar e, precisamente por isso, fundamenta todas as ciências e é propedêutica para todo uso do entendimento. Ela tematiza as condições de possibilidade da coerência e do pensar consigo mesmo. Enquanto tal, a lógica formal deve ser uma ciência inteiramente *a priori*, deve tematizar leis aprióricas necessárias e independentes de quaisquer experiências” (OLIVEIRA, 1995, p. 36-37).

190 Sobre a função da semântica e da ontologia, Oliveira afirma: “O eixo de uma teoria filosófica é constituído pelas estruturas semânticas, porque sua especificidade é a configuração da relação linguagem-mundo: as expressões linguísticas significam e expressam algo. A linguagem aqui é compreendida como a dimensão expressante do real, o que é implicado na tese ontológica da expressabilidade do real, o pressuposto básico de qualquer empreendimento teórico [...] Assim, as estruturas semânticas exercem o papel mediador entre as estruturas formais, as mais abstratas, e as estruturas ontológicas, as mais determinadas” (OLIVEIRA, 2014, p. 8).

universo de discurso, ele é suscetível de um tratamento teórico. De acordo com o filósofo cearense,

Num sentido programático L. B. Puntel elabora uma quase-definição de filosofia que servirá de fio-condutor para toda a exposição: “a filosofia sistemático-estrutural é a teoria das estruturas universais (mais gerais) do universo do discurso [= *universe of discourse*] ilimitado” [...] Universo do discurso pode ser explicitado por conceitos mais determinados do ponto de vista do conteúdo como “mundo”, “universo”, “realidade” e em última instância “ser”. A dimensão do universo do discurso é o dado abrangente, aquilo que é dado para ser compreendido ou explicado pela filosofia, seu objeto, sua temática específica, tudo o que é candidato a um tratamento teórico (OLIVEIRA, 2010, p. 93-94).

Uma vez que a filosofia esteja comprometida com o novo paradigma da linguagem, o *dado*, isto é, o objeto de investigação do filósofo, deve pertencer a um determinado segmento do *universo do discurso*. Nesse contexto, o objeto da filosofia é a totalidade dos objetos do mundo, ou seja, ela é capaz de tematizar as várias áreas do saber a partir de uma perspectiva teórico-estrutural. Isso põe em pauta o problema sobre como articular uma proposta filosófica sem negligenciar o paradigma da linguagem. Com base no que desenvolvemos até agora, respondemos que se uma teoria filosófica dispõe dos critérios e componentes de um quadro teórico comprometido com a reviravolta linguística, então ela está propícia a articular-se linguisticamente. Segundo Oliveira,

Isso significa dizer que qualquer afirmação nossa, toda argumentação, qualquer concepção e de modo especial qualquer teoria só tem sentido, ou seja, um *status* determinado e claro na medida em que se encontra situada no seio de um quadro teórico. Isto tem consequência fortes para a filosofia: antes do tratamento de qualquer questão filosófica, temos que dispor de uma linguagem, de uma lógica, de uma semântica, de uma conceitualidade ontológica fundamental, numa palavra, temos que ter clareza de todos os componentes de um quadro teórico adequado” (OLIVEIRA, 2010, p. 93).

Sabendo que o pensamento de Puntel está em conformidade com a reviravolta linguística, M. Oliveira se apoia na concepção punteliana de quadro teórico, com o objetivo de sustentar uma filosofia capaz de articular uma compreensão teórico-estrutural da realidade. Para a realização deste projeto, tornam-se imprescindíveis os

critérios (expressabilidade, teoricidade e estruturalidade) e componentes (lógica, semântica, ontologia) de uma teoria filosófica. Por conseguinte, se considerarmos a atividade filosófica no sentido manfrediano, isto é, enquanto empreendimento essencialmente teórico e rigoroso, então a filosofia pode nos fornecer os caminhos (*methodos*) “através do qual se percorre um trecho da verdade e se contempla um de seus lados” (ORTEGA Y GASSET, 2018, p. 32). Vejamos como Oliveira formula a relação entre verdade e quadro teórico:

Assim, a verdade de toda sentença e de toda proposição implica uma relatividade intrínseca a um quadro teórico, o que se pode exprimir com a tese de “grau de verdade”: cada quadro teórico bem formado e constituído possui uma referência ontológica e, assim, um grau determinado de verdade (OLIVEIRA, 2014, p. 9).

Segundo essa concepção, a verdade é capaz de se aprimorar à medida que pertença a um quadro teórico bem constituído. Daí defendermos a seguinte proposta: se uma filosofia dispõe dos critérios e componentes necessários para compor um quadro teórico adequado, ela pode nos fornecer a instância através do qual compreendemos o mundo. Portanto, a filosofia continua com a tarefa imprescindível de, via argumentação, “tematizar o sentido do mundo” e o “sentido de nossa vida do mundo”¹⁹¹. De certo modo, isso implica o aspecto da historicidade no conhecimento, tendo em vista os limites históricos que comportam tanto o homem quanto a realidade. Numa palavra, a compreensão aparece enquanto constitutivo do *ser histórico*¹⁹². Conforme explica Manfredo Oliveira,

Tanto o sujeito como o objeto do conhecimento e da ação só são captáveis como momentos deste todo, que é sempre parcial, e por esta razão todo conhecimento e toda ação humana são essencialmente parciais, unilaterais, superáveis, perspectivísticos. Nosso raio de experiência é, pois, essencialmente limitado, histórico, tanto extensiva, como intensivamente. Ele é caminho, longo, incessante. Neste sentido, podemos dizer que a verdade não existe feita

191 Cf. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 419.

192 Para M. Oliveira, a “grandeza da hermenêutica consiste no reconhecimento das condições históricas a que todo conhecimento humano está submetido enquanto conhecimento finito. Seu tema fundamental é, pois, a consciência da condicionalidade essencial do saber humano, o que se explicitou, sobretudo, na polêmica com a “crítica das ideologias” de J. Habermas” (OLIVEIRA, 1987, p. 54).

previamente, nem é revelada previamente ao homem num momento determinado, mas fruto do esforço secular e ilimitado da humanidade empenhada em captar o sentido do real. O conhecimento, como a liberdade humana, é ao mesmo tempo dom e conquista incessante (OLIVEIRA, 1987, p. 37-38).

Condicionado pelo mundo e pela experiência, o sujeito humano capta o objeto, ou seja, a si mesmo e a seu mundo, a partir de um horizonte específico¹⁹³. Na perspectiva da filosofia sistemático-estrutural, este horizonte específico é fruto do quadro teórico sempre essencialmente limitado de qualquer empreendimento teórico. Ora, se não existe uma verdade completamente independente de um quadro teórico, então a escala de graus de verdade corresponde à escala dos quadros referenciais. Portanto, quanto mais bem constituído for um quadro teórico, tanto mais graus de verdade obterá o conhecimento articulado por uma teoria filosófica. Para Oliveira,

Isso implica dizer que o fenômeno da verdade é na realidade um grande complexo contendo muitas facetas e, acima de tudo, muitos graus [...] Antes, um grau de verdade não é igual a outro, ele é inferior ou superior. Numa palavra, não há verdade absoluta no sentido de uma verdade completamente independente de um quadro teórico. Assim, a escala de graus de verdade corresponde à escala dos quadros referenciais (OLIVEIRA, 2014, p. 250).

Seguindo a perspectiva da filosofia sistemático-estrutural, Oliveira considera que a verdade absoluta é uma verdade que é verdade em todos os quadros referenciais teóricos¹⁹⁴. Ora, se uma filosofia tem referência ontológica, então ela também possui grau determinado de verdade. Daí as teorias filosóficas conseguirem articular um conhecimento verdadeiro sobre os objetos do mundo, de modo que a verdade apreendida aparece de diferentes modos em múltiplos quadros referenciais teóricos. Tal concepção sugere certa consonância com a noção orteguiana de “verdade insuficiente”: se alguma teoria filosófica teve suas teses superadas por alguma outra que apareceu

193 Na definição de Manfredo Oliveira: “O conceito de horizonte é empregado na fenomenologia e a partir daqui na hermenêutica para exprimir o caráter paradoxal do conhecimento humano. Em primeiro lugar, para exprimir sua condicionalidade histórica: o mundo histórico da experiência e da compreensão penetra na maneira de ver do sujeito e forma seu horizonte, abrindo-lhe certas possibilidades de compreensão e fechando-lhe outras. Portanto, ele é expressão da finitude, da situacionalidade de todo conhecimento humano. Por outro lado, um horizonte nunca é uma fronteira definitivamente determinada, mas algo suscetível a mudanças e fundamentalmente aberto a mudanças” (OLIVEIRA, 1987, p. 53).

194 (OLIVEIRA, 2014, p. 250).

depois (por exemplo, a superação do paradigma da consciência pelo paradigma da linguagem), isso não significa dizer que ela estava errada, mas sim incompleta em algum sentido¹⁹⁵. Partindo dessa consideração, podemos afirmar que Oliveira argumenta em defesa do modelo punteliano de quadro referencial teórico por considerar que a sua configuração sistemático-estrutural está, atualmente, em acordo com as realizações científicas e culturais do tempo presente.

4 CONCLUSÃO.

No pensamento de Manoel de Oliveira, o sentido da totalidade – a realidade em todas as suas dimensões e seus planos¹⁹⁶ – aparece como resultado da relação entre sujeito e objeto: “o sujeito só é *este sujeito* enquanto condicionado por seu mundo e o objeto só é *este objeto* enquanto captado no horizonte específico do sujeito” (OLIVEIRA, 1987, p. 41). Em vista disso, podemos afirmar que tanto o conhecimento quanto o sujeito humano tem historicidade¹⁹⁷. Daí a relação entre conhecimento e historicidade, bem como o aspecto do perspectivismo na articulação de uma visão de mundo¹⁹⁸. Para M. Oliveira,

A realidade que hoje atingimos comporta um limite que se estende com a cultura de que participamos. O que é conquistado é armazenado e transmitido às gerações subseqüentes. Nossa experiência nunca é

195 Na perspectiva do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, esse processo no qual as ideias são superadas por outras mais completas é o que Hegel chamava *Aufhebung*. Para uma interpretação orteguiana da concepção hegeliana de *Aufhebung*, Cf. ORTEGA Y GASSET, José. *Origem e epílogo da filosofia*. Tradução de Fernando Ferreira Jr. Campinas, SP: Vide Editorial, 2018. p. 30-31.

196 (OLIVEIRA, 1987, p. 44).

197 Sublinhamos que, para Paulo Freire, reconhecer a relação entre conhecimento e historicidade é fundamental na formação de um professor preocupado em desenvolver uma prática educativo-progressiva: “O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A “do-discência” – docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por estes momentos do ciclo gnosiológico”. Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 28.

198 Segundo Manoel de Oliveira, o “homem se manifesta, em primeiro lugar, como a presença da totalidade, porém, não uma totalidade como posse absoluta de si mesma, mas uma totalidade, que é horizonte, que é perspectiva e que por isto precisa mediar-se. O homem é exatamente este processo incessante de totalização e por isto um ser sempre histórico, pois nenhuma de suas realizações é capaz de esgotar seu horizonte ilimitado” (OLIVEIRA, 1987, p. 36).

puramente nossa, mas já que somos, essencialmente, um *ser-com-os-outros-no-mundo*, ela provém do patrimônio comum da cultura. O homem é interação de indivíduos [...] O conhecimento humano é, por conseguinte, sempre histórico e social. Todo pensamento é, ao mesmo tempo, meu e dos outros, já que o homem é inteiramente *eu e outro*. A intercomunicação é a nota fundamental da história, isto é, da autogênese do homem. Não há pensamento ou ação isolados, porque não há homem isolado e por isto o objeto do conhecimento é sempre mediação entre sujeitos, portanto mediador de comunicação [...] O mundo humano é um mundo de comunicação. O homem pensa e age sobre a realidade, que lhe é caminho para os outros homens (OLIVEIRA, 1987, p. 38).

Enquanto historiador da filosofia, Manfredo Oliveira se propôs a buscar um quadro teórico mais abrangente e atualizado, segundo as condições teóricas em que hoje nos situamos¹⁹⁹. Não é a toa que, para o filósofo cearense, uma teoria filosófica que se proponha a articular um conhecimento válido sobre a realidade deve reconhecer as duas grandes revoluções que marcaram o pensamento ocidental, a saber, a reviravolta transcendental e sua radicalização na reviravolta linguística do pensamento contemporâneo²⁰⁰. Assim sendo, podemos afirmar que um quadro teórico bem constituído é aquele que está em consonância com as condições materiais e intelectuais de seu tempo, ou, em outros termos, com os paradigmas e problemas filosóficos da atualidade. Nessa ótica, a falta dos critérios e componentes de um quadro teórico adequado promove uma má compreensão teórica das estruturas do mundo.

É nesse sentido que defendemos que se uma filosofia dispõe dos critérios e componentes constituintes de um quadro teórico, então ela pode nos fornecer a instância através do qual articulamos nosso conhecimento sobre os objetos do mundo. Para M. Oliveira, o ponto de convergência entre a atividade filosófica e a atividade científica é “a característica de pretender ser uma atividade responsável de validade intersubjetiva” (OLIVEIRA, 1995, p. 155). Nessa ótica, a filosofia, enquanto atividade espiritual teórica e científica²⁰¹, é capaz de elaborar sentenças intersubjetivamente válidas a respeito do mundo.

199 Cf. OLIVEIRA, 2014, p. 10.

200 Cf. OLIVEIRA, 1996, p. 418.

201 Cf. OLIVEIRA, 1995, p. 155.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **O que é filosofia contemporânea.** São Paulo: Brasiliense, 2012.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **A filosofia na crise da modernidade.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo.** São Paulo: Paulus, 2014.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Conhecimento e historicidade. In: **Síntese**, Belo Horizonte, v. 14, n. 40, p.33-58, Fevereiro. 1987.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Metafísica estrutural enquanto Teoria do Ser. In: **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p.82-107, Novembro. 2010

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

ORTEGA Y GASSET, José. **Origem e epílogo da filosofia.** Tradução de Fernando Ferreira Jr. Campinas, SP: Vide Editorial, 2018.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Filosofia e cosmovisão.** 6. ed. São Paulo: Editora Logos Ltda., 1961.